



ID: 122289187

30-03-2026

# “Jotas” mostram evoluções distintas mas mantêm influência

O número de inscritos subiu na JSD, Livre e JCP. A JS regista uma recuperação do número de militantes, mas ainda abaixo dos níveis de 2015. JP e Bloco de Esquerda registam uma quebra

**Adriana Castro**

Se é verdade que os jovens vão menos às urnas, o mesmo não acontece nas restantes formas de participação política. Apesar de as redes sociais e os fóruns serem hoje o palco preferencial para o debate político e as juventudes partidárias, numa análise geral, não estarem a registar um crescimento exponencial, não existe um abandono destas estruturas nem um desinteresse generalizado — e o seu peso nos partidos continua a ser relevante, aponta o professor do Iscte e da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Hugo Ferrinho Lopes.

Os dados disponibilizados ao PÚBLICO pelas “jotas” mostram uma subida na JSD e uma recuperação da JS — mas ainda abaixo dos níveis de 2015 —, um crescimento no Livre e uma subida ligeira na JCP. Em sentido contrário, a JP perdeu peso na última década e o BE mantém-se praticamente estável, com uma ligeira des-

cida. Já a IL, PAN e JPP falam em maior envolvimento jovem, mas sem dados concretos. O Chega foi o único partido com representação parlamentar que não respondeu.

Os números mostram evoluções diferentes. Na JSD, os dados mostram uma descida até 2022, ano em que o partido caiu para 26.185 militantes depois de um pico em 2018 (29.456 inscritos). Voltou a subir para 32.699 em 2025, acima dos valores registados oito anos antes.

Na JS, e apesar de aquela juventude referir uma recuperação desde 2024, o número continua abaixo dos níveis de há uma década: de cerca de 30 mil militantes em 2015 para perto de 23 mil em 2025. A estrutura aponta para sinais recentes de renovação interna, como maior equilíbrio de género e uma descida da média de idades dos militantes.

No caso do Livre, sem juventude partidária autónoma (como a IL, por exemplo), o partido registou um crescimento expressivo: os militan-

tes com menos de 30 anos passaram de 90 em 2015, para 1490 em 2025. Mas foi fundado em 2014 e estava ainda numa fase inicial de implantação. Por isso, os dados devem ser lidos à luz desse contexto. O partido associa o crescimento mais recente à consolidação da sua presença parlamentar e à visibilidade do trabalho político.

Na JCP, a evolução é mais lenta, com o número de inscritos a passar de cerca de 7000 em 2015 para 7800 em 2025, numa subida que o partido liga ao reforço da sua presença em escolas, universidades e locais de trabalho.

**Iniciativa Liberal não tem “jota”, mas diz que 30% dos seus militantes têm menos de 30 anos**

Em sentido contrário, a JP apresenta uma quebra face a 2015, tanto no número de novas inscrições como no total de filiados, apesar de a estrutura falar numa tendência de crescimento desde 2019. No BE, os dados são estáveis, mas com uma ligeira descida: o número total de jovens passou de 899 em 2015 para 884 em 2025.

Noutros casos, a comparação é mais difícil. A IL não tem uma “jota” e diz que cerca de 30% dos seus membros têm menos de 30 anos, o que corresponderá a cerca de 2500 militantes. O PAN não disponibiliza dados concretos, mas fala num aumento do envolvimento de jovens, sobretudo nas causas tradicionais do partido, como o ambiente e a protecção animal. Já o JPP, cuja juventude foi formalizada apenas em 2023, aponta para um universo de cerca de 100 militantes jovens.

**“Identidade muito própria”**

Perante estes dados, Hugo Ferrinho Lopes destaca, em declarações ao

PÚBLICO, que “há largas décadas que a Ciência Política identificou que os números de militantes reportados pelos partidos políticos são quase sempre inflacionados”. “Ainda assim, assumindo que todos os partidos inflacionam os seus números de forma similar, esses dados permitem uma comparação”, acrescentou, e apontou que estas estruturas “são, de longe, as organizações mais relevantes que existem dentro dos partidos”: têm representação nos órgãos internos, influência nos congressos e capacidade de mobilização em disputas pela liderança.

Por outro lado, têm “uma identidade muito própria” que se reflecte, por exemplo, na Assembleia da República: deputados ligados às “jotas” já assumiram posições distintas das direcções dos partidos, chegando, em alguns casos, a furar a disciplina de voto no Parlamento.

Essas tensões entre juventudes e partidos fazem parte, até porque os militantes das juventudes tendem “a discordar mais da política do partido do que a generalidade da militância, e sobretudo, tendem a ser mais radicais ideologicamente”, em particular “nos partidos de centro-esquerda”, aponta Ferrinho Lopes.

Ainda assim, os dados não indicam um afastamento dos jovens da política. “Isso só é verdade ao nível da participação eleitoral”, diz o investigador. “Os jovens não participam menos. Participam de forma diferente”, explica. O envolvimento passa hoje mais por protestos, redes sociais, petições ou debates em fóruns *online* do que por inscrições em estruturas partidárias tradicionais.

A percepção pública das juventudes partidárias também poderá ter contribuído para essa mudança. Se, no passado, a participação nestas estruturas era vista como “curriculo”, hoje são muitas vezes associadas a “carreirismo”, o que pode afastar alguns jovens, mesmo que a maioria entre por razões ideológicas ou sociais.

Mais do que um declínio ou crescimento linear, estes dados apontam para uma mudança. As “jotas” continuam a pesar dentro dos partidos, mas a sua capacidade de mobilização é mais instável, principalmente num tempo em que participar na política não significa fazer parte de um partido.



ADRIANA MIRANDA

A JSD é a estrutura de jovens que regista um maior crescimento nos últimos meses